

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIOAMBIENTAIS

Sebastião Emanuel da Costa Pereira

Invisibilidades das águas urbanas

Estudo de caso do Córrego Vilarinho

Belo Horizonte

2017

Sebastião Emanuel da Costa Pereira

Invisibilidades das águas urbanas

Estudo de caso do Córrego Vilarinho

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado na Faculdade de Filosofia e
Ciências Humanas da Universidade
Federal de Minas Gerais como requisito
básico para conclusão do Curso de
Ciências Socioambientais.**

Orientador: Yuri Mello Mesquita

**Belo Horizonte
Universidade Federal de Minas Gerais
2017**

Dedico este trabalho in memoriam dos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Yuri Mello Mesquita pela paciência e pelos esclarecimentos que possibilitaram a conclusão deste trabalho.

Agradeço à professora Regina Horta, ao Professor Ely Bergo, ao Professor Klemens Laschefski, ao Professor Jonh Sydenstricker Neto, ao Professor Alisson Barbieri, enfim a todos os professores que contribuíram para o meu aprendizado e para o enriquecimento do curso de Ciências Socioambientais.

Agradeço ao Arquivo Público de Belo Horizonte.

Agradeço ao Centro Cultural de Venda Nova.

Agradeço ao Museu Abílio Barreto.

Agradeço à minha família.

Agradeço aos meus amigos: Aline, Ana Teixeira, Elyda, Juarez, Lincoln, Guilherme, Mário Augusto e Marco Aurélio.

Agradeço à Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, principalmente ao setor da Hemeroteca.

"O cientista virou um mito. E todo mito é perigoso, porque ele induz o comportamento inibe o pensamento. Este é um dos resultados engraçados (e trágicos) da ciência. Se existe uma classe especializada em pensar de maneira correta (os cientistas), os outros indivíduos são liberados da obrigação de pensar e podem simplesmente fazer o que os cientistas mandam."

Rubem Alves

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo o estudo de caso do córrego Vilarinho situado na região de Venda Nova, que visa a invisibilidade das águas urbanas através da pesquisa de percepção socioambiental. A exclusão dos córregos e rios do cenário urbano, ocorreu de forma gradativa em Belo Horizonte no século XX, fruto de uma política voltada para a cobertura dos rios por questões de saneamento e aumento da malha viária. O trabalho foi pautado na coleta de evidências sobre o córrego Vilarinho: entrevistas, reportagens do jornal Estado de Minas ano 2000 a 2016 e levantamentos de arquivos públicos. Os dados coletados permitiram a análise da percepção ambiental das pessoas sobre os córregos e rios da cidade. Os resultados obtidos mostraram que apesar de uma parcela da população ter memórias agradáveis de quando o córrego Vilarinho fazia parte da paisagem, essa mesma parcela prefere os córregos e rios da cidade fechados. Desta forma foi possível observar que muitas vezes não conseguimos fazer uma associação entre nossas ações e o espaço ao nosso redor.

Palavras Chave: Percepção ambiental. Belo Horizonte. Venda Nova. História. Desenvolvimento Urbano. Águas urbanas: Rios e Córregos.

SUMARIO

1. INTRODUÇÃO	1
1.1 História da Região de Venda Nova.....	3
1.2 Bacia Hidrográfica do Córrego Vilarinho.....	7
2. METODOLOGIA	10
3. RESULTADOS.....	12
4. CONCLUSÃO	18
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICA	20
6. ANEXO.....	22

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Foto aérea de Venda Nova de 1944 – Fonte Acervo do Centro Cultural de Venda Nova	4
Figura 2- Foto aérea da região de Venda Nova 1953- Fonte: APCBH / Gabinete do Prefeito.....	4
Figura 3 - Mapa das Regionais de Belo Horizonte e Mapa da dinâmica de Ocupação de Belo Horizonte entre 1918 a 2007. Fontes Respectivamente: Sudecap e Elaboração Própria	5
Figura 4- Obras de canalização e cobertura do córrego Vilarinho 1980 Inspeção do córrego Vilarinho pelo governador Francelino Pereira e pelo prefeito Mauricio Campos em 1980- Fonte: Acervo do Centro Cultural Venda Nova.....	6
Figura 5 -Obras de canalização e cobertura do córrego Vilarinho 1980 – Fonte: Acervo do Centro Cultural de Venda Nova	7
Figura 6- Bacias Hidrográficas	7
Figura 7– Bacia Hidrográfica curso d’água e mancha de inundação do córrego Vilarinho – Fonte: SUDECAP. Elaboração própria.....	8
Figura 8- Gráfico Memória do córrego Aberto	12
Figura 9—Gráfico Tipos de Memórias e Memórias Positivas em Relação ao Córrego Aberto ou Fechado.....	13
Figura 10 – Ações Ambientais do Conselho Venda Nova – Fonte Desconhecida ...	14
Figura 11– Gráfico O que é o Vilarinho para você	15
Figura 12 – Gráfico Levantamento das reportagens Estado de Minas Ano 2000 a 2016	16
Figura 13 – Gráfico Os córregos e rios da cidade deveriam ser abertos ou fechados	16

1. INTRODUÇÃO

Na década de 1970, a questão ambiental tornou-se mais importante no cenário político e econômico mundial, trazendo uma quebra de paradigma, na qual a natureza era vista como algo a ser explorada e dominada indiscriminadamente sem pensar nas consequências futuras, como a escassez dos recursos naturais.

A conservação e revitalização dos rios, independentemente do meio que estão inseridos, têm sido alvo de estudos, de trabalhos acadêmicos, de políticas públicas e de movimentos ambientalistas, o que acarretou uma alteração na forma em que o poder público trata as questões dos mananciais de águas na área urbana.

Assim, estas alterações podem refletir na dinâmica urbana e na forma em que a cidade é vista e percebida pelos seus habitantes, o que a torna um mosaico formado pelo aspecto cultural, ambiental e social, uma vez que as cidades estão em constante crescimento e transformação, já que apropriação do espaço reflete a relação entre o social e o geográfico.

Ao caminhar por avenidas e ruas de algumas metrópoles brasileiras, muitas vezes se desconhece a dinâmica hidrográfica das cidades, pois geralmente são cortadas por diversos rios e córregos que ao longo da sua história foram tamponados e se tornaram invisíveis para a grande maioria da população, e em certo ponto, até ao próprio poder público.

A cidade de Belo Horizonte reflete este pensamento, já que foi uma cidade planejada e concebida de acordo com projetos inovadores de urbanização do século XIX, que visava modernidade arquitetônica, tendo também uma preocupação com o saneamento. Sendo assim foi projetada e construída pelas elites dominantes para ser a capital política e administrativa do estado de Minas Gerais.

No decorrer do século XX, a capital mineira sofreu grandes transformações devido ao crescimento populacional e industrial, o que acarretou uma expansão do perímetro urbano de uma forma não planejada. Diferentemente da área central que era alvo de uma elitização promovida pelo poder público.

Com essa nova dinâmica da cidade ocorre o início do desaparecimento dos córregos e rios abertos do cenário da região central, devido a necessidade de um maior aproveitamento do espaço urbano para atender o crescimento automobilístico.

Nas mediações do mercado central, um dos principais pontos turísticos da cidade, observa-se esses dizeres: “ Nessa rua tem um rio”, pintados na fachada de uma casa. No subterrâneo desta rua correm as águas do Córrego do Leitão. Esse dizer simboliza o que não se observa mais na paisagem central de Belo Horizonte.

Atitudes como esta, suscita a reflexão sobre a questão das águas urbanas, sua invisibilidade perante a maioria da população. Este cenário acabou se expandido para as demais regiões da cidade.

Neste contexto, foi analisado o córrego Vilarinho na região de Venda Nova, o qual está inserido na bacia hidrográfica do Isidoro.

Este curso d'água não é percebido em um primeiro momento já que foi totalmente canalizado e coberto praticamente em toda sua extensão, o que favoreceu a criação de uma via de trânsito rápido, bem como em alguns pontos usados como práticas de caminhadas. Esta transformação do espaço excluiu o córrego da paisagem tornando-o imperceptível ao olhar da população que mora ou trafega pelo local, salvo em momentos de inundação, ações ambientais e relatos de memória.

Assim, será feito um estudo de caso do córrego Vilarinho visando uma percepção ambiental do mesmo e a relevância do tema águas urbanas: córregos e rios e como são percebidos pelos atores sociais (imprensa e comunidade).

O objetivo deste estudo de caso é verificar a invisibilidade das águas urbanas, através de pesquisa de percepção socioambiental do córrego Vilarinho.

Portanto, com a análise de dados obtidos por questionário e publicações do jornal Estado de Minas, será feito um recorte de como o córrego é percebido pela população e pelo meio de comunicação. Desta forma, poderemos indagar como o córrego é vivenciado por esses atores sociais.

1.1 História da Região de Venda Nova

A história de Venda Nova, está relacionada às comitivas de tropeiros que cruzavam a região com suas mercadorias sendo responsáveis pelo abastecimento das minas de ouro e diamante. Assim iniciou os núcleos de povoados, em locais de paradas destas comitivas tal como Venda Nova (ARREGUY; RIBEIRO, 2008).

Até meados do século XIX, a região era formada por pequenas e médias propriedades que em, 1868 devido ao crescimento significativo o arraial se torna Freguesia de Sabará (SILVA, 2000).

A região ficou conhecida por Venda Nova, devido a abertura de uma venda por um português, no antigo povoado de Santo Antônio dos Clementes, a qual, se destacou das demais devido à qualidade e organização dos seus produtos atraindo fregueses de toda região, inclusive de Curral Del Rey, que posteriormente foi escolhida como local da construção da capital de Minas Gerais (LIMA, 1996).

Venda Nova, ao longo de sua história, pertenceu ao município de Santa Luzia, Sabará, Campanhã (Ribeirão das Neves) e Belo Horizonte, mas somente em 1948 que o distrito de Venda Nova ficou definitivamente pertencente a capital. Em 1977 é enquadrada na categoria de vila de Belo Horizonte e em 1984 passa a receber o tratamento de bairro (PAIVA, 1992).

As Figuras (1,2), mostram a aérea central de Venda Nova, nos anos de 1944 e 1953 respectivamente, onde é possível observar a Igreja de Santo Antônio ao alto, mais acima, o antigo cemitério, em baixo, a principal rua Padre Pedro Pinto e o córrego Vilarinho. Observa-se uma expansão no uso do espaço no período de tempo entre as fotos.



Figura 1- Foto aérea de Venda Nova de 1944 – Fonte: Acervo do Centro Cultural de Venda Nova



Figura 2- Foto aérea da região de Venda Nova 1953- Fonte: APCBH / Gabinete do Prefeito

Em meados do século XX, houve um crescimento populacional na região que ocasionou o surgimento de novos bairros, a partir do loteamento de antigas

fazendas sem a autorização do poder público. Estes loteamentos clandestinos sem planejamento (água, luz e saneamento básico) provocaram a ocupação desordenada do espaço acarretando consequências sociais e ambientais, tais como, a população sendo afetada pelas cheias do córrego Vilarinho (ARREGUY; RIBEIRO, 2008).

A ocupação não planejada de áreas de fundo de vale, como no caso do Córrego Vilarinho, coloca a população em situação de vulnerabilidade às cheias do córrego que fazem parte do seu ciclo natural. No entanto, esta situação é agravada pelo processo de impermeabilização do solo, deposição de resíduos sólidos e esgotamento sanitário ausente ou deficiente.

A Figura (3) abaixo, apresenta a informação do mapa distrital das nove regiões de Belo Horizonte, juntamente com a dinâmica de ocupação de 1918, 1935, 1950, 1977, 1995 e 2007. Assim observa-se o processo de ocupação da região de Venda Nova ao longo do tempo. A partir de 1950 intensifica-se o crescimento populacional na região, devido fator imobiliário.

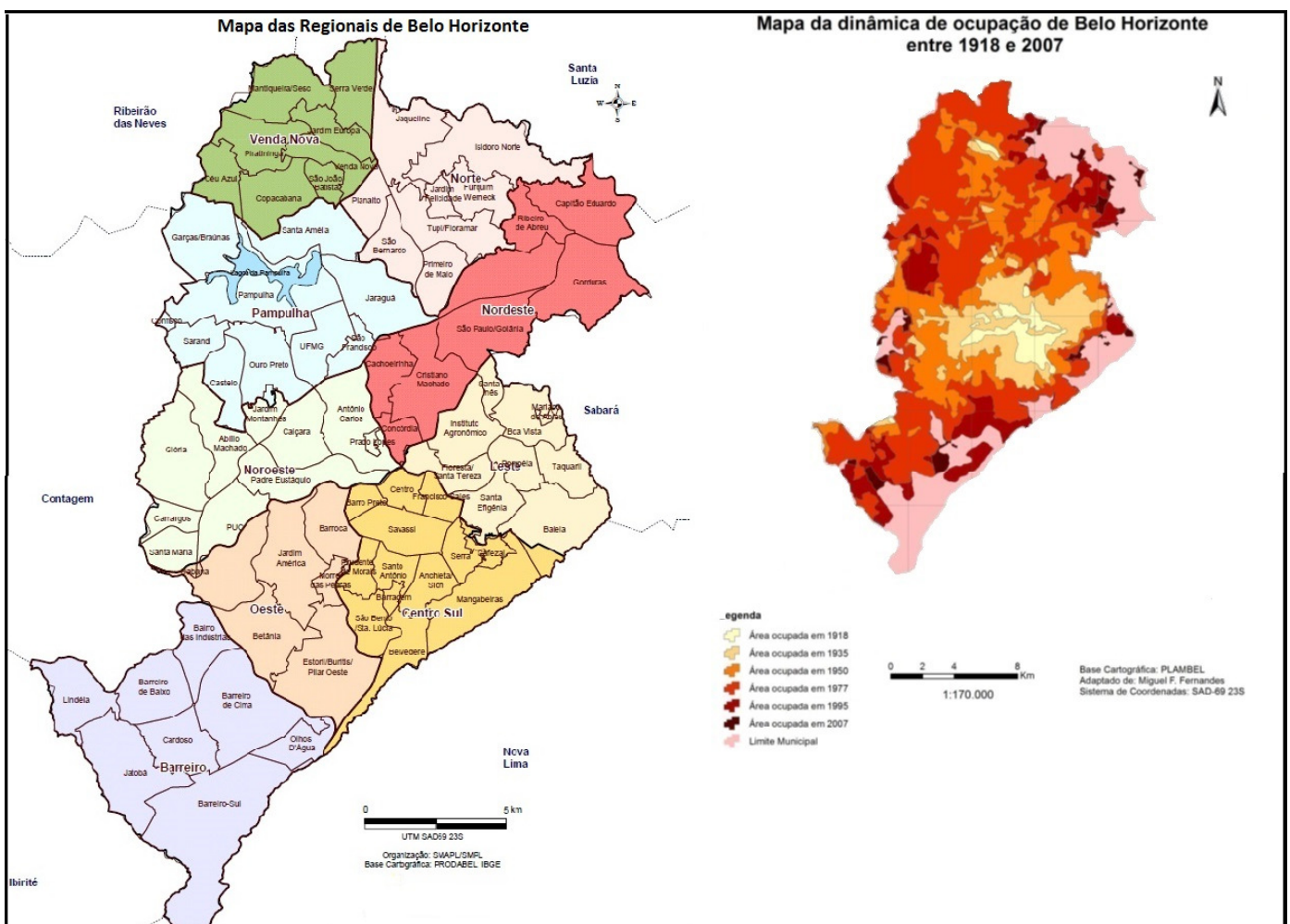


Figura 3 - - Mapa das Regionais de Belo Horizonte e Mapa da dinâmica de Ocupação de Belo Horizonte entre 1918 a 2007. Fontes: Respectivamente: SUDECAP, PLAMBEL e Elaboração Própria

Em 1960, ocorre o crescimento na canalização dos córregos na área central da cidade, sob uma forte influência do desenvolvimento automobilístico no Brasil. Como reflexo, o automóvel ganha cada vez mais espaço no cenário urbano, o que acarreta a criação de vias de trânsito muitas vezes sobre este patrimônio natural (MESQUITA, 2003).

A partir de 1979 foi implantado o projeto de cobertura do córrego Vilarinho Figura (4), seguindo uma tendência da época: de canalização e cobertura dos cursos d'água, visando a condução de efluentes e a criação de avenidas sanitárias que contribuíram para instalação de corredores de trânsito. Assim retiravam os cursos d'água da paisagem urbana, levando à destruição de seus habitats aquáticos. Outra consequência era a alteração nos locais de inundação, para a jusante dos córregos e rios (CHAMPS, 2008).



Figura 4- Obras de canalização e cobertura do Córrego Vilarinho 1980 Inspeção do córrego Vilarinho pelo governador Francelino Pereira e pelo prefeito Mauricio Campos em 1980 - Fonte: Acervo do Centro Cultural Venda Nova

Na imagem da Figura (7), observa-se os cursos d'água da cidade, a bacia do Vilarinho e sua mancha de inundação. Estas áreas estão identificadas na carta de inundação de Belo Horizonte e a partir desse mapeamento, ocorre a ação do poder público de informar à população dos riscos destes locais nos períodos de chuvas fortes. Isso ocorre através da fixação de placas de advertência, como se percebe em alguns pontos do córrego Vilarinho.

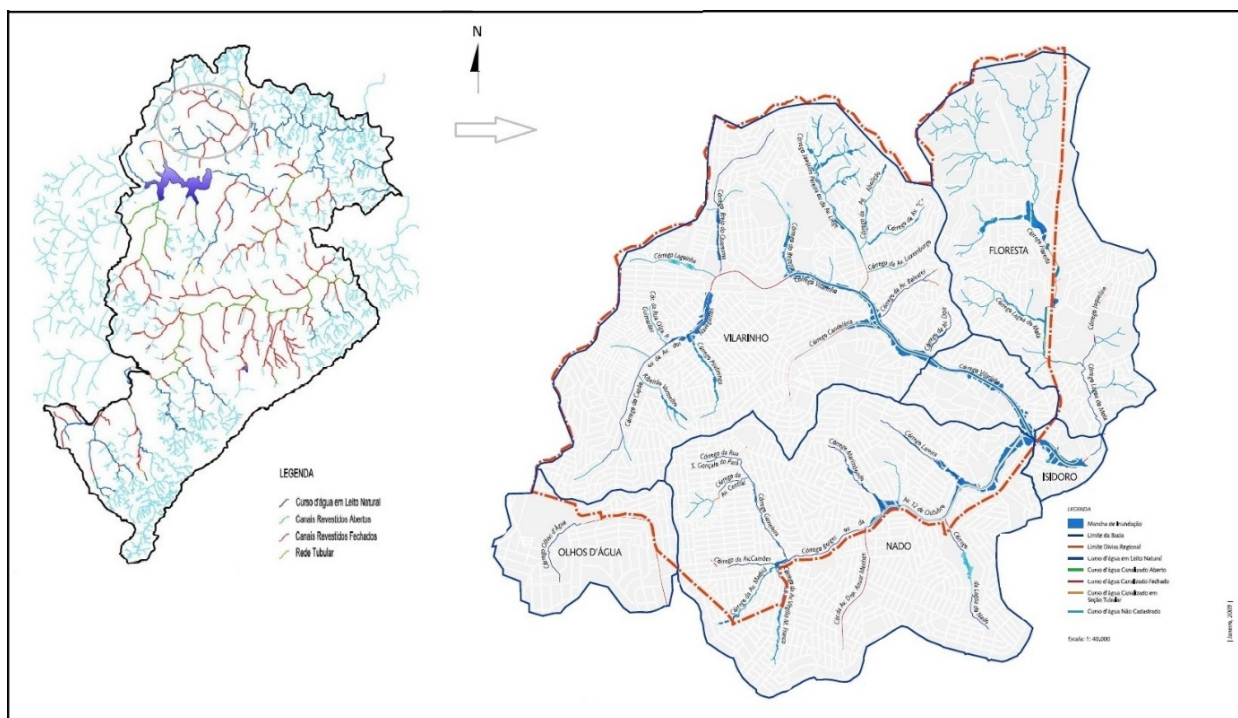


Figura 7– Bacia Hidrográfica curso d'água e mancha de inundação do córrego Vilarinho – Fonte: SUDECAP. Elaboração própria

A partir do plano diretor de drenagem urbana de 1996, temos uma mudança na concepção sobre o planejamento de drenagem. A questão ambiental na época estava cada vez mais em foco, o que levou a mudanças na forma como o poder público abordava a gestão dos cursos d'água na cidade (AROEIRA, 2010).

Na sub-bacia do córrego Baleares, afluente do córrego Vilarinho, ocorreu a intervenção do Programa de Recuperação Ambiental e Saneamento dos Fundos de Vale e Córregos em Leito Natural de Belo Horizonte (DRENURBS), que foi desenvolvido pela Secretaria Municipal de Política Urbana de Belo Horizonte. No córrego Baleares, foram implementadas as seguintes ações: tratamento de fundo de vale, bacia de retenção de cheias, criação de áreas de convívio e esgotamento sanitário.

O programa DRENURBS adota uma nova metodologia de manejo do patrimônio hídrico do município visando a recuperação dos cursos d'água na paisagem e integrando uma abordagem que trabalha a questão socioambiental, tais como: programas de educação ambiental, gerenciamento ambiental das obras e monitoramento da qualidade das águas.

Apesar do programa DRENURBS representar uma mudança de atitude do poder público referente ao saneamento básico, observamos um contrassenso quanto a isso, como a instalação do projeto Linha Verde (corredor de tráfego) que na primeira fase (Boulevard Arrudas) em 2005 retirou da paisagem central da cidade o seu principal curso d'água.

2. METODOLOGIA

Como um estudo de caso único, optou-se por utilizar mais de uma fonte de evidências com intuito de dar sustentabilidade à pesquisa, pois ao cruzar os dados das fontes podemos avaliar se há convergência ou não dos resultados obtidos. O grande problema foi a disponibilidade de tempo, e em algumas situações, o acesso aos dados documentais sobre o córrego na SUDECAP (Superintendência de Desenvolvimento da Capital), no Arquivo Público de Belo Horizonte e no Museu Abílio Barreto, o que levou a priorizar os arquivos de imprensa do jornal Estado de Minas e a memória oral.

As entrevistas foram quantitativas e qualitativas (semiestruturada), o que permitiu ao entrevistado maior liberdade para expor seus comentários e opiniões; com duração máxima de duas horas e um número reduzido de moradores da região. A faixa etária englobou pessoas que conviveram com o córrego do Vilarinho antes da cobertura 1979 e após a mesma.

Desta forma foram aplicados 60 questionários em dois pontos de maior alagamento e tráfego de pessoas, com o objetivo de verificar a percepção de uma pequena amostra da população que vive ou trabalha na região e sua interação com o espaço que abrange os aspectos sociais e ambientais.

Para evitar equívocos, é preciso esclarecer que o espaço social está contido no espaço geográfico, criado originalmente pela natureza e transformado continuamente pelas relações sociais, que produzem diversos outros tipos de espaços materiais e imateriais, como por exemplo: políticos, culturais e econômicos... Portanto, a produção do espaço acontece por intermédio das relações sociais, no movimento da vida, da natureza e da artificialidade, principalmente no processo de construção do conhecimento (FERNANDES, 2005, pág. 24).

As áreas escolhidas, estações de metrô Venda Nova e Vilarinho, são locais de grande circulação de pessoas, sendo a primeira próxima a uma área sujeita a inundação e a segunda uma área afetada pela inundação. Em cada área aplicou-se 15 entrevistas para cada faixa etária: 18 a 30 anos e 40 a 70 anos.

O questionário foi elaborado com intuito de interpretar a forma com que os moradores e pessoas que trafegam na região percebem o córrego Vilarinho. A análise da percepção ambiental permitiu fazer um mapeamento do local, através do olhar socioambiental.

A percepção ambiental representa a consolidação da aquisição do conhecimento das informações procedentes do ambiente aos seus usuários e o entendimento de uma formação de correspondência e que se estabelece pela combinação que se forma entre pessoas e lugares, direcionando e proporcionando o cumprimento das dinâmicas urbanas (CASTELLO, 2000).

A análise dos documentos dos arquivos públicos que tratam do córrego Vilarinho teve como objetivo verificar quais foram as principais ações do poder público que contribuiram ou não para a invisibilidade das águas urbanas na região.

Além disso, foi feita uma pesquisa nos periódicos do jornal Estado de Minas versão impressa, ano de pesquisa 2000 a 2016, tendo como tema o córrego Vilarinho. Foi escolhido este jornal para ser fonte de pesquisa, devido ao seu histórico de publicação e disponibilidade do seu acervo. Apesar de muitas vezes haver uma imprecisão técnica, ainda assim estes arquivos representam um registro temporal da ocorrência de inundação e suas consequências (CHAMPS, 2012).

Observa-se que, a partir dos registros da imprensa, geralmente só evidencia-se o tema das inundações ocorridas no local ressaltando a questão climática e não a canalização e a forma de ocupação do solo. Assim, conteúdos que abordam o lado negativo como: mau cheiro, perda de patrimônio, trânsito caótico, sujeira e doenças, ganham cada vez mais destaque neste meio de comunicação, uma vez que são notícias que vendem o jornal.

3. RESULTADOS

No questionário, indagamos aos entrevistados se eles tinham a memória do tempo em que o córrego era aberto ou se tinham ouvido histórias sobre o assunto. Caso afirmativo, os entrevistados foram perguntados se as suas percepções eram negativas ou positivas.

Os entrevistados associaram fatores positivos como córrego limpo, pesca (biodiversidade) e atividades de natação. Como percepções negativas a sujeira e o mau cheiro.

A literatura teórica em história ambiental vem chamando a atenção para a necessidade de, ao enfatizar a relevância do mundo biofísico, não cair na falácia de considerar que esse se apresenta de forma direta, positiva e imediata à percepção humana. O ser humano age sempre a partir de sentidos e compreensões, estando imerso na linguagem, nos mecanismos de cognição e na presença de visões culturais historicamente construídas. A apropriação dos recursos da natureza e a valoração das paisagens, nesse sentido, possuem uma clara historicidade (CRONON, 1996 E; ASDAL, 2003) citado por (PÁDUA, 2010, pág. 93)

O gráfico abaixo (figura 8) revela o percentual das pessoas entrevistadas que possuem a memória do córrego aberto ou já ouviram falar sobre o assunto. Destas, 36% dos entrevistados possuem memória do córrego aberto ou já ouviram falar sobre o assunto. No entanto, 64% dos entrevistados não possuem memória do tempo em que o córrego era aberto.

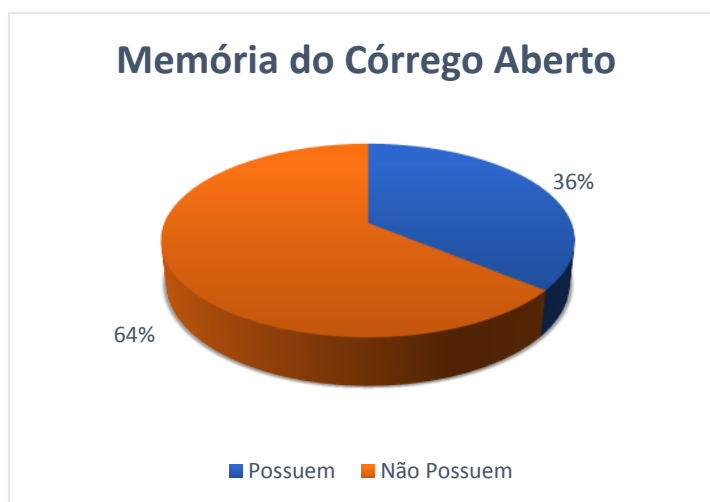


Figura 8- Gráfico Memória do Córrego Aberto

No estudo observou-se que, dos 36% dos entrevistados que revelaram ter a memória do tempo em que o córrego era aberto, 64% destes consideraram as memórias com sendo positivas. No entanto, apesar das memórias agradáveis, 79% destes entrevistados preferem o córrego fechado da forma que atualmente se encontra o córrego Vilarinho.

Neste contexto pode-se concluir que embora as memórias do tempo do córrego aberto serem agradáveis e corresponderem a natureza, vida e ao bem-estar, 79% das pessoas, ainda preferem o asfalto, isto demonstra que as vezes a nossa percepção do ambiente é subjugada pelo construto social.

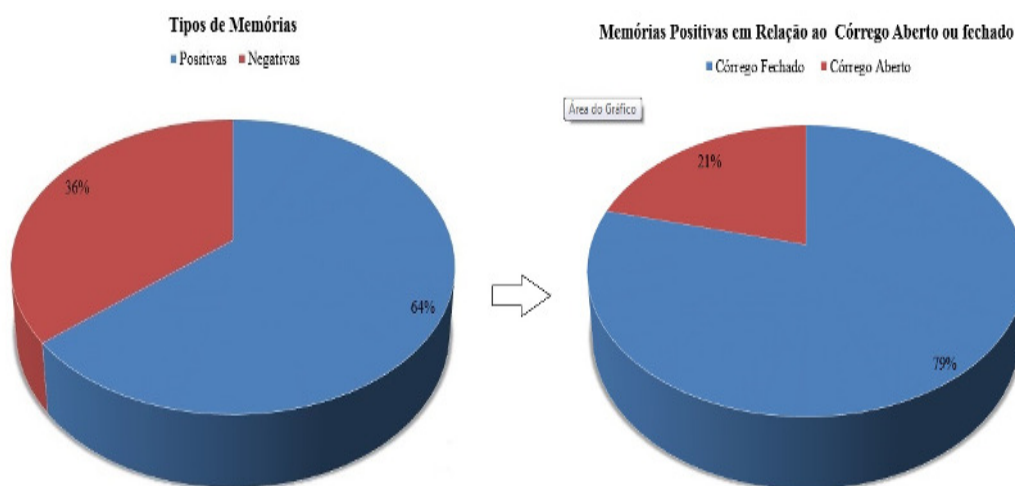


Figura 9—Gráfico Tipos de Memórias e Memórias Positivas em Relação ao Córrego Aberto ou Fechado

Segundo Pádua (2010), apesar da importância do meio ambiente, nem sempre ele é percebido de maneira relevante ao homem, pois suas ações estão pautadas com base na sua percepção, aprendizagem e no seu aspecto cultural e historicamente construído.

Outro tópico abordado foi em relação aos movimentos, individuais ou coletivos, que lutam pela revitalização do córrego Vilarinho. Os resultados obtidos demonstraram que os entrevistados não têm conhecimento de ações de preservação relacionadas ao córrego. Apesar disso 30% dos entrevistados já viram

os cartazes elaborados pelo conselho Venda Nova Figura (10) e não associaram a imagem a uma ação social que visa a visibilidade do córrego Vilarinho.

As imagens da Figura (10) são de ações ambientais do conselho Venda Nova, que é um movimento formado por diversas lideranças, comerciantes, moradores e estudantes, que visam questões ambientais, culturais, turísticas e sociais de Venda Nova, valorizando a história e a cultura da região.



Figura 10 –Imagens Ações Ambientais do Concelho Venda Nova – Fonte Desconhecida

Na pesquisa foi indagado aos entrevistados o que é “Vilarinho”. Para 70% dos entrevistados, Vilarinho é uma avenida, enquanto que para 2% diz respeito a uma estação de metrô. Para 12%, trata-se de um córrego e para 2%, uma quadra (na avenida há uma quadra que representa um contexto social para a região). E para os outros 14%, Vilarinho se associa a esgoto.

Diferente dos outros córregos cobertos da cidade, o Vilarinho possui três sessões abertas, como observado em uma das sessões na Figura (10). Com isto tem-se a visão de suas águas, muitas vezes poluídas por resíduos sólidos lançados no seu leito. Existe também a questão de esgotos clandestinos lançados na rede pluvial, o que contribui para sua poluição e o mau cheiro das águas.

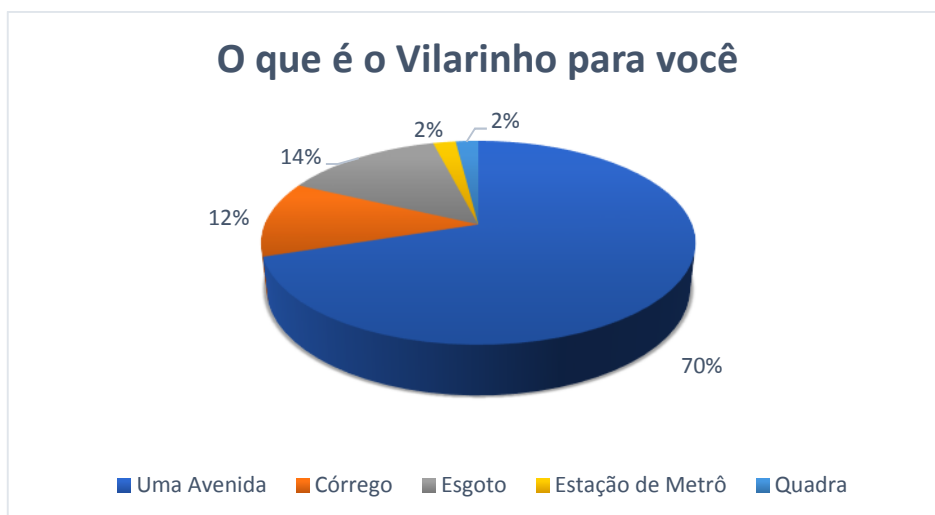


Figura 11– Gráfico O que é o Vilarinho para você

Nos últimos anos (2000 a 2016) foram registradas pelo jornal Estado de Minas vinte e duas reportagens fazendo referências diretas ao córrego Vilarinho e indiretas da Bacia do Isidoro.

No entanto, observou-se que a cobertura da mídia acontece quase que exclusivamente no período de outubro a maio.

Ao analisar o gráfico (12) observa-se que a incidência de notícias que abordam o tema córrego Vilarinho evidenciam predominância de reportagens que refletem problemas ambientais, tais como: inundação e poluição de resíduos sólidos.

De acordo com o gráfico, 54% das matérias do jornal Estado de Minas no período pesquisado se referem a questão de inundações, 18% de resíduos sólidos, 14% a preservação da bacia do Isidoro e 14% a outros assuntos (desapropriação de terreno, saneamento básico em Venda Nova e contextualização errada do córrego Vilarinho).

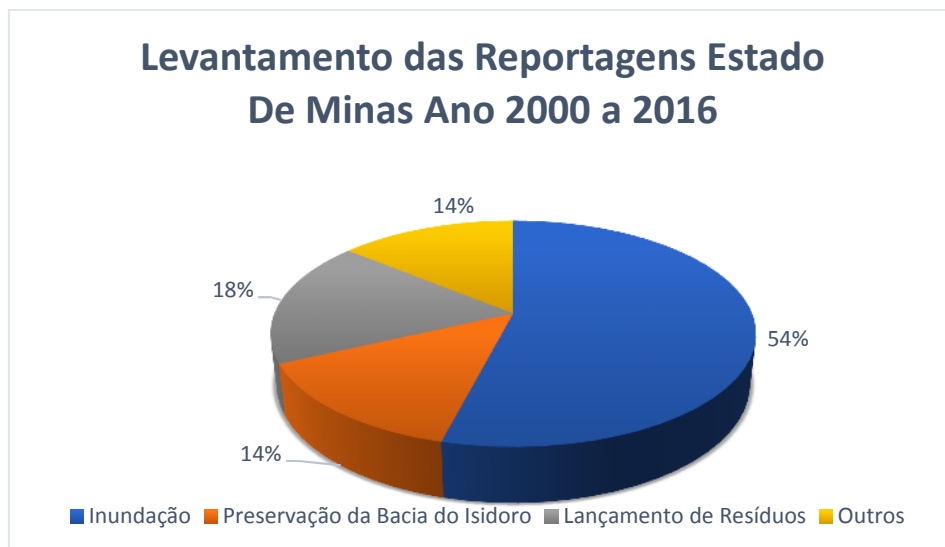


Figura 12 – Levantamento das reportagens Estado de Minas Ano 2000 a 2016

Estes dados são condizentes com os resultados do questionário, no qual foi indagado se o entrevistado já tinha visto alguma reportagem a respeito do córrego Vilarinho. A grande maioria dos entrevistados, o que corresponde a 91%, viram na mídia reportagens a respeito do córrego Vilarinho e destas, 94% das matérias tinham relação com abordagens negativas referente ao período chuvoso.

No estudo os entrevistados foram perguntados se os córregos e rios da cidade deveriam ser abertos ou fechados. Conforme revela o gráfico abaixo, para 72% dos entrevistados os córregos e rios da cidade deveriam ser fechados e para os outros 28% deveriam ser abertos.

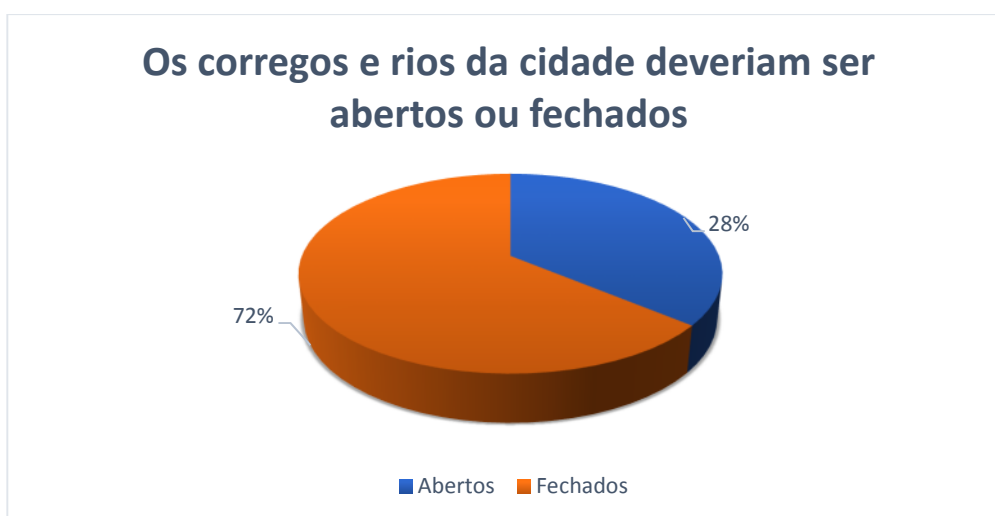


Figura 13 – Gráfico Os córregos e rios da cidade deveriam ser abertos ou fechados

A pesquisa revelou um aspecto interessante sobre a percepção dos entrevistados se os córregos da cidade deveriam ser fechados ou abertos.

Os 72% dos entrevistados que responderam que os córregos da cidade deveriam ser fechados justificaram que esta medida evitaria o lançamento de lixo no córrego e o risco de acidentes. Por outro lado, 28% responderam que o certo seria que os córregos e rios fossem abertos.

Observa-se que dentre os entrevistados alguns vieram de cidades do interior e evidenciaram parte de suas vidas em contato com o cenário de rios e córregos abertos e assim guardam em suas memórias como são os corpos de águas limpos onde se podia nadar e pescar e o quanto é importante a preservação e conservação desta paisagem.

4. CONCLUSÃO

O presente estudo de caso teve como objetivo demonstrar a invisibilidade das águas urbanas que correm nos subterrâneos da cidade, ressaltando a maneira como são percebidas pelos atores sociais. A multidisciplinaridade que observamos forma um mosaico de visões sociais que preenchem espaços ao nosso redor alterando-o à primeira vista de maneira, as vezes irreversíveis.

Assim, por meio da percepção socioambiental, podemos inferir que o meio ambiente está em constante transformação, sujeito a ação antrópica que reproduz o meio social em que estamos inseridos.

Na elaboração deste trabalho, observa-se que a percepção do espaço é construída ao longo do tempo de forma dinâmica que muitas vezes não deixam rastro na nossa memória. Dessa forma, vemos como é relevante o registro histórico do ambiente ao nosso redor, seja ele por fotografias, literaturas ou na conservação da memória oral.

Assim podemos questionar a forma como ambiente se transforma ao nosso redor e o quanto somos afetados por tais mudanças que são simplesmente o reflexo da nossa relação com o espaço. Ao nos darmos conta disso começamos a ter uma compreensão da nossa responsabilidade perante o meio ambiente.

Os resultados do estudo de caso demonstraram que muitas vezes não conseguimos fazer uma associação entre nossas ações e o espaço ao nosso redor. Um dos principais tópicos verificados depois da questão da inundação foi a da poluição (resíduos sólidos) ser um dos fatores que também contribuem para justificar a canalização e cobertura dos cursos d'água.

Associada à cobertura dos córregos, existe a crescente necessidade do aumento da malha viária, que é um reflexo da demanda automobilística ser um dos pilares da economia do país.

Isso deixa implícito que não se trabalha para a recuperação dos cursos de águas urbanas e sua reintegração à paisagem através da sua visibilidade, de forma eficiente. Mesmo que seja por meios de ações que busquem o questionamento e relevância sobre as águas urbanas, nossos rios, nossos córregos, nossa nascente, ou seja o patrimônio hídrico da cidade.

Somente com uma mudança na nossa forma de ver e interagir com o ambiente ao nosso redor poderemos buscar meios para reverter a forma que nos é vendida a questão ambiental através da mídia, grandes empresas e políticas públicas que estão associadas diretamente ou indiretamente ao interesse econômico.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICA

AFONSO, J. Morreu na contramão atrapalhando o tráfego. **Revista Manuelzão**, ano 11, n. 49, p. 11-14, dez. 2008.

ARAÚJO, Z. P. R.; JR., F.E. **Entre o urbano, o social e o ambiental**: a práxis em perspectiva. Belo Horizonte: Gaia Cultural, 2015.

ARNOLDI, C. G. A. M.; ROSA, C. P. F.V. M. **A entrevista na pesquisa qualitativa**: mecanismos para validação dos resultados. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006.

ARMANI, D. **Como elaborar projetos?**: Guia prático para elaboração e gestão de projetos sociais. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2009.

AROEIRA, R. M. Recuperação ambiental de bacias hidrográficas, Belo Horizonte, Brasil. In: LOPES, D. A.; GOULART, E. M. A.; LISBOA, A. H. (Org.). **Revitalização de rios no mundo**: América, Europa e Ásia. Belo Horizonte: Instituto Guaicuy, 2010. p. 221-240.

ARREGUY, C. A. C.; RIBEIRO, R. R. **Histórias de bairro de Belo Horizonte**: Regional Venda Nova. Belo Horizonte: APCBH; ACAP-BH, 2008.

CHAMPS, J. R. Inundações urbanas em Belo Horizonte. Ocorrências, controle e medidas de proteção. **Aqua-LAC**, v. 4, n. 2, p. 1-6, set. 2012. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/es/office-in-montevideo/ciencias-naturales/water-international-hydrological-programme/revista-aqualac/aqua-lac-8-2012/>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

CHAMPS, J. R. Uma nova concepção para drenagem urbana. In: LISBOA, A. H.; GOULART, E. M. A.; DINIZ, L. F. M. (Org.). **Projeto Manuelzão**: A história da mobilização que começou em torno de um rio. Belo Horizonte: Instituto Guaicuy, 2008. P. 85-94. Disponível em: <<http://www.manuelzao.ufmg.br/assets/files/noticias/livro%2010%20anos%20final%20grafica%20-%20ultima%20versao.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

CHAMPS, J. R.; FRÓES, C. M. V.; PEREZ, S. T. C. S. O planejamento do sistema de drenagem urbana na cidade de Belo Horizonte. In: Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental, 21., 2001, João Pessoa. **Anais eletrônicos...** João Pessoa: ABES, 2001. Disponível em: <<http://www.bvsde.paho.org/bvsaidis/saneab/brasil/ix-011.pdf>> Acesso em: 24 jan. 20017.

CASTELLO, L. Revitalização de Áreas Centrais e Percepção dos Elementos da Memória. In: International Congress of the Latin American Studies Association (LASA), 22., 2000, Miami. **Anais eletrônicos...** Miami: LASA, 2000. Disponível em: <<http://lasa.international.pitt.edu/Lasa2000/Castello.PDF>>. Acesso em 20: jan. 2017.

DUARTE, F. Rastros de um rio urbano – cidade comunicada, cidade percebida. **Ambiente & Sociedade**, v. 9, N. 2, p.105-122, jul./dez. 2006.

FERNANDES, B. M. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais. Contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. **Revista Nera**, Presidente Prudente, ano 8, n. 6, p. 24-34, jan./jun. 2005

FJP. **Saneamento básico em Belo Horizonte**: trajetória em 100 anos - os serviços de água e esgoto: Saneamento e Paisagem Urbana. Belo Horizonte: FJP, COPASA, 1996.

LEFEBVRE, H. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

LIMA, B. Canteiro de Saudades - **Pequena História Contemporânea de Belo Horizonte** (1910 – 1950). Belo Horizonte: CL Assessoria em Comunicação, CGB, 1996. 112p.

MESQUITA, M. Y. **Jardim de asfalto**: água, meio ambiente, canalização e as políticas públicas de saneamento básico em Belo Horizonte, 1948-1973. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

NEDER, T. R. Cidade e cidadãos: 100 anos destruindo os rios paulistanos. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 17, n. 47, p. 147-152, jan./abr. 2003.

OLIVEIRA, R. S. D. **Belos 111 Horizontes**. Belo Horizontes: Armazém de Ideias, 2009. 239p.

PÁDUA, J. A. As bases teóricas da história ambiental: Vozes da rua e mudanças epistemológicas. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 24, n. 68, p. 81 -101. 2010.

PAIVA, F. E. **Venda Nova Séculos XVII e XIX um estudo de história regional**. Belo Horizonte, Secretaria Municipal de Cultura, 1992. 78p.

PROGRAMA DRENURBS: **Uma concepção inovadora dos recursos hídricos no meio urbano**. Belo Horizonte – MG. Disponível em: < http://www.solucoesparacidades.com.br/wp-content/uploads/2013/09/AF_DRENNURBS_WEB.pdf >. Acesso em: 02 fev. 2016.

SILVA, A. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

SILVA, L. R. **Doce Dossiê de BH**. 2. ed. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1998. 298 p.

SILVA, M. A. **Lembranças... Venda Nova**. Belo Horizonte, Secretaria Municipal de Cultura, 2000. 52p.

Yin, K. R. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Tradução: Cristhian Matheus Herrera. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015. 290p.

ZHOURI, A. Amadurecendo o Verde: Construindo Redes Ambientalistas Globais. In Cidadania: **Revista do Patrimônio**, n. 24, p. 131-139, 1996.

6 ANEXO

QUESTIONÁRIO SOBRE PERCEPÇÃO AMBIENTAL DO CÓRREGO VILARINHO

NOME: _____

IDADE: _____

SEXO: M - F

ESCOLARIDADE: _____

REGIÃO: _____

TEMPO DE MORADIA: _____

1. Como você vê e utiliza o espaço do córrego Vilarinho?

a. Via de transito

b. Lazer

c. Comercio

d. Outros. Qual: _____

2. Você conhece alguma nascente na região do Vilarinho?

a. Sim b. não

Qual / onde _____

Espaço para mapa metal (Desenho)

3. Você conhece alguma Associação, movimento, ONG ou uma ação que luta pela revitalização do córrego Vilarinho?

a. Sim b. não

Qual/ onde _____

4. Na sua opinião quais são as causas dos alagamentos na região do córrego Vilarinho?
- a. Lixo lançado no córrego
 - b. Impermeabilização do solo da região
 - c. Cobertura do córrego
 - d. Outros. Qual (ais)? _____

5. Você conhece este cartaz “O que é o Vilarinho”? a. SIM b. NÃO



O que é o Vilarinho para você?

- a. Uma avenida
 - b. A estação do metro
 - c. Córrego
 - d. Uma quadra
 - e. Esgoto
6. Você já foi afetado diretamente pelo problema de alagamentos do córrego Vilarinho?
- a. SIM B. NÃO

Se Sim . Como? _____

Quantas Vezes? _____

7. Você tem memória do tempo do córrego aberto ou escuta casos sobre o assunto. ()Sim ()Não

São do tipo: positivos ou negativos?

8. Ao seu ver os córregos deveriam ser abertos ou fechados? Por que?

9. Você já viu reportagem a respeito do córrego Vilarinho.

Sim Não

Qual Meio:

Positiva

Negativas